

Sandra Saruê e Marcelo Boffa

E SE FOSSSE COM VOCÊ?

Uma história de
BULLYING



M
MELHORAMENTOS

Saruê, Sandra

E se fosse com você? / Sandra Saruê; ilustrações de Marcelo Boffa.
2.edição. São Paulo: Editora Melhoramentos, 2009.

ISBN: 978-85-06-05751-3

1. Literatura infantil brasileira. 2. Bullying. I. Boffa, Marcelo. II.
Título. III. Série.

12/292

CDD 869.8B

Índices para catálogo sistemático:

1. Literatura infantil 809.8
2. Literatura infantil brasileira 869.8B
3. Preconceito social 305
4. Bullying – Psicologia do comportamento 150.194

Sandra Saruê, paulistana, nascida em 1968, é escritora e redatora publicitária. Escreve livros para adultos e crianças. Entre seus títulos infantis estão *Quero Ser Meu Irmãozinho* e *A Poltrona Vazia*, ambos publicados pela Melhoramentos.

Marcelo Boffa é paulistano, tem 36 anos, é designer gráfico e ilustrador. Atualmente tem uma empresa de ilustrações e *endomarketing*, onde trabalha também com criação de embalagens, personagens, caricaturas e ilustrações editoriais.

Edição revisada conforme o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa

Projeto gráfico e ilustrações: © 2007 Marcelo Boffa

Texto: © 2007 Sandra Saruê

Arte da capa: Daniel Rampazzo

Ilustração da capa: Marcelo Boffa

Baseado em layout de: Renato Moriconi

Direitos de publicação:

© 2007, 2009 Editora Melhoramentos Ltda.

2.^a edição, 13.^a impressão, fevereiro de 2014

ISBN: 978-85-06-05751-3

Atendimento ao consumidor:

Caixa Postal 11541 – CEP 05049-970

São Paulo – SP – Brasil

Tel.: (11) 3874-0880

www.editoramelhoramentos.com.br

sac@melhoramentos.com.br

Impresso no Brasil



Aos meus amados Sami, Ilan e Ariel.

Sandra Saruê

Aos amigos verdadeiros, em especial
mamãe e papai.

Marcelo Boffa



Na classe da professora Nancy sempre acontece alguma coisa muito louca, diferente ou divertida.

Quando é Carnaval, ela transforma a classe num verdadeiro sambódromo, cheio de confete, serpentina e purpurina, com direito a trio elétrico e tudo. Quando é Páscoa, a classe vira uma exposição de ovos coloridos, e todos se fantasiam de coelho. É superengraçado. Antes das férias de julho, ela promove uma inacreditável caça ao tesouro pela escola inteira, e vale procurar pelos pátios, quadras, banheiros, sala dos professores, outras classes.

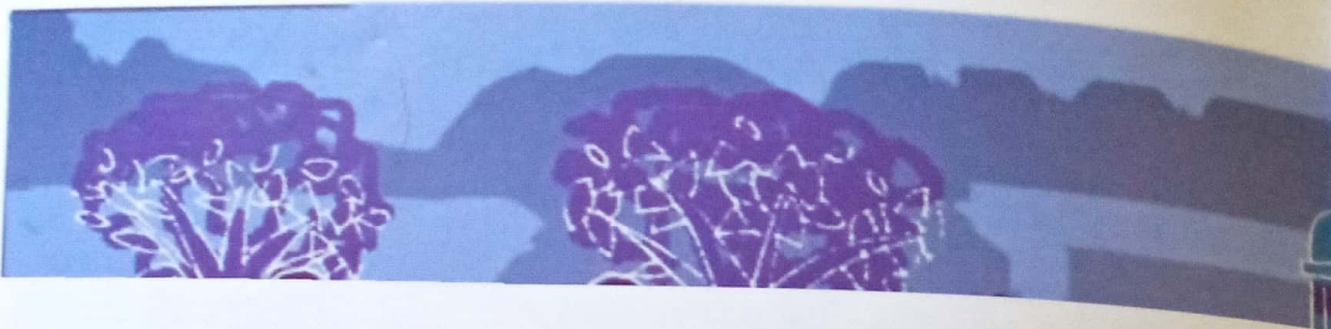


Na última festa de *halloween*,
você nem imaginam o que ela
inventou: um incrível trem fantasma
feito com as carteiras da classe, em
que cada aluno tinha direito de dar
uma voltinha, enquanto os outros
empurravam.



E pelo trajeto desse trem havia bruxas, gnomos, monstros, fantasmas, esqueletos, coisas de arrepiar que ela ajudou a criar.

Tem gente que diz que ela deveria ser atriz, romancista ou escritora e que está perdendo tempo na escola, mas a verdade é que ela ama ensinar. A professora Nancy gosta de cada aluno de um jeito especial, mesmo daqueles que nem sempre obedecem, sabe, os valentões e baderneiros.

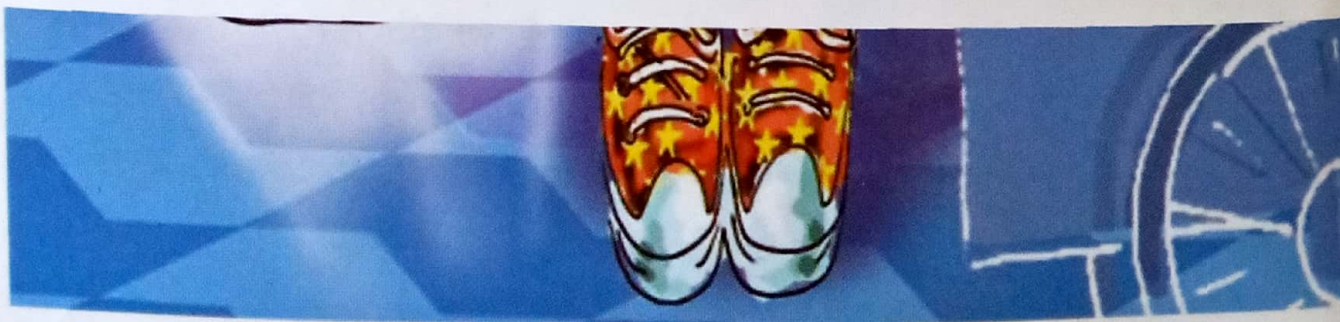


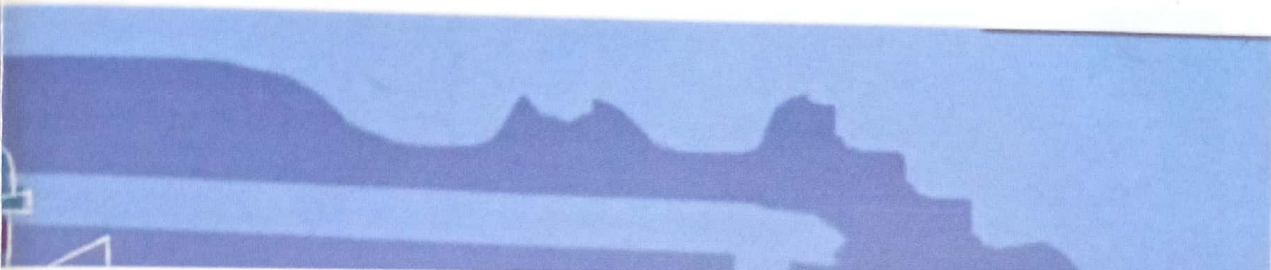
Com apenas uma de suas impressionantes histórias, ela consegue controlar a classe inteira.

Acho que tudo seria maravilhoso na 4.^a série B se não fosse um problema que a professora Nancy desconhecia. E nem desconfiava.

Fora de suas aulas, pelos pátios do colégio e perto da cantina, sempre na hora do recreio ou da saída, quando ela não estava por perto, Animal e seus amigos pégavam no meu pé. Animal é o apelido do cara, é claro, mas ele adora ser chamado assim porque combina com sua fama de mau.

O Animal tem sua “panelinha” de fiéis seguidores; são todos uns medrosos que não têm coragem de fazer nada.





Ninguém pede para o Animal parar com as maldades porque todos têm medo de ser a próxima vítima de suas torturas.

A namorada dele, a Barbie — também é apelido, porque ela é loirinha e se acha “a gostosona do pedaço” —, vive perturbando a Eli, que é minha amiga, só porque ela é gordinha, delicada e sempre chora quando é magoada.

Comigo a história é outra. O Animal me zoa porque uso óculos fundo de garrafa e, segundo ele, tenho cara de “bobalhão”, “nerd”, “CDF”, “bundão”, pelo menos é assim que ele costuma me chamar. Não posso parar de usar óculos porque enxergo muito mal. Tenho miopia e sem as lentes sou quase cego.







Quando eu crescer, meus pais vão me deixar fazer uma cirurgia nos olhos, mas, por enquanto, tenho de suportar o Animal me chamando de tudo quanto é tipo de coisa e do pior apelido que existe: “lesado”. Ah! Este sem dúvida é o que dói mais: “lesado”. Do mesmo jeito que a Barbie arrasa a Eli chamando-a de “gorda, baleia, saco de areia”. A Barbie é uma chata, com sua voz fina e horrível; ela também não se toca. Tanto a Barbie quanto o Animal têm seus defeitos, mas ninguém os enxerga. Ou não quer enxergar por medo e covardia.

Sei de alunos que gostariam que o Animal parasse de perturbar as pessoas, mas ninguém tem coragem de ficar do meu lado. Na verdade, nem eu mesmo tenho essa força. Ah! Se eles soubessem o quanto sou legal...

Tenho um laboratório em casa e um dia vou ser um grande inventor, ficar rico e mostrar para o Animal que eu sou muito bom.



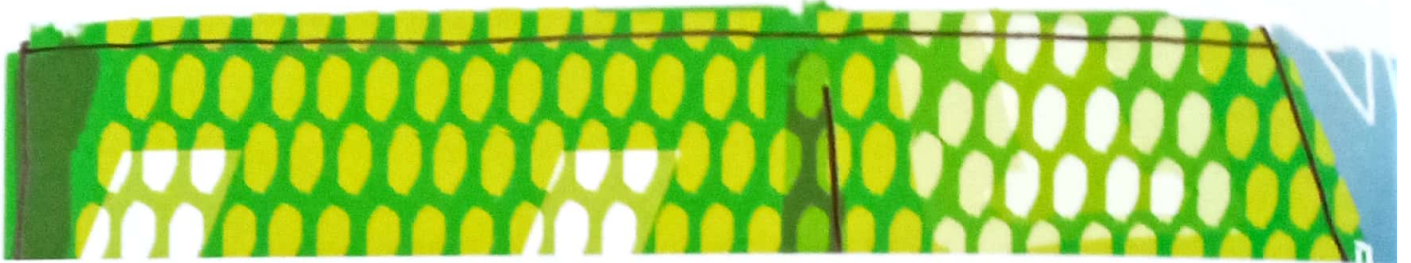
Vou ser igual ao Thomas Edison. Sabe quem foi Thomas Edison? Um gênio que realizou 1.093 invenções, incluindo a lâmpada. Mas na época dele, na escola, ele também era zoadado pelos colegas porque era surdo. Aposto que, quando ficou famoso, os colegas se arrependeram de tudo. Um dia também vou ser importante, e eles vão ver só.

Mas enquanto eu não faço a cirurgia de miopia nem fico famoso como Thomas Edison, minha vida é um inferno. Tenho vontade de chorar todos os dias.

Uso óculos porque preciso, não porque quero. Eli é gorda porque nasceu assim, e cada um é o que é. Será que eles não percebem?

Nunca contei nada à professora Nancy nem a meus pais. Tenho medo de que fiquem chateados comigo por eu não saber me defender. Mas, na verdade, não consigo nem abrir a boca, porque são dez contra um, todos liderados pelo Animal. Como vou lutar contra dez? O Animal é um covarde. Não queria contar nada à professora Nancy para não estragar a alegria natural dela; afinal, o que ela iria pensar de mim?

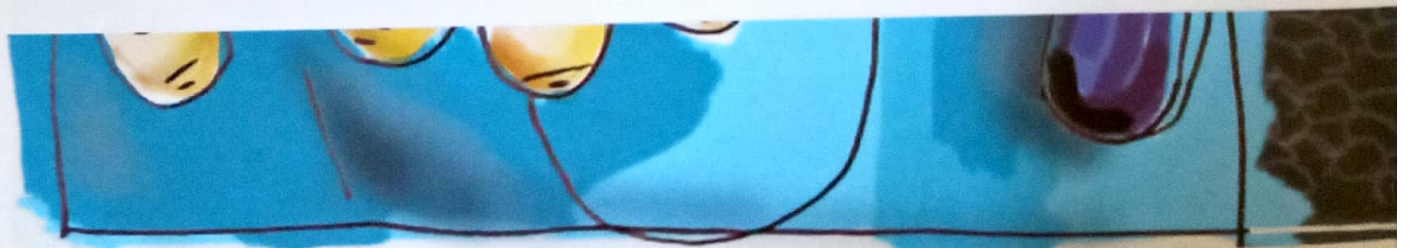





Mas, um dia, aconteceu o inevitável. Estava no pátio do colégio quando o Animal arrancou os meus óculos e os escondeu. Fiquei sem rumo, sem enxergar quase nada, tropecei em um degrau e caí de boca no chão. Com a queda, cortei a parte de cima dos meus lábios, e começou a jorrar muito sangue, assustando todo mundo. A dor nem foi tanta, mas o sangue impressionava muito. O Animal ficou nervoso, talvez com medo de que algo grave acontecesse comigo e ele fosse o responsável. Os amigos logo ficaram contra ele:

— Viu o que você fez, Animal? — disse o Alê, que era da turma dele.

— Não fiz nada, ele é que caiu sozinho — defendeu-se o Animal.



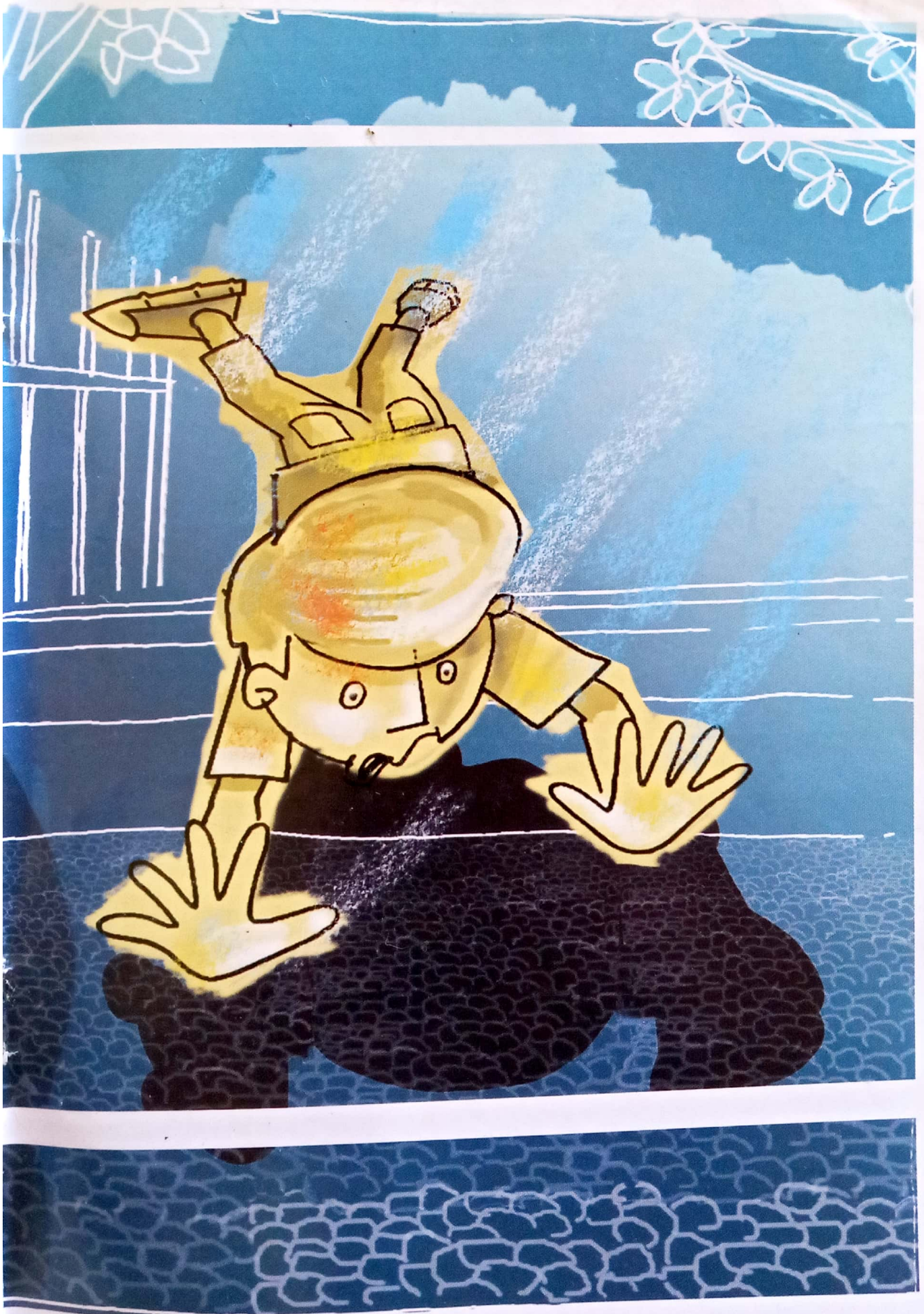


— Isso porque você escondeu os óculos dele. Você sabe que ele enxerga mal — acusou Vivi, outra menina da turma da Barbie.

— Agora a culpa é só minha? Vocês estavam aqui junto comigo e são tão culpados quanto eu.

A turma do Animal ficou contra ele, todos brigaram, e começou uma grande confusão no pátio do colégio. Fui levado para a enfermaria e, enquanto isso, Eli contou tudo para a professora Nancy. Falou sobre o que vinha acontecendo: as perseguições, as torturas e maldades da Barbie e do Animal contra nós dois, ela por ser gordinha e eu por usar óculos.







A reação da professora Nancy foi de tristeza. Naquele dia, não houve mais histórias, e a 4.^a B perdeu toda a alegria da mais animada professora:

— Como eu não percebi isso antes? O que aconteceu aqui é muito triste — lamentou-se ela.
— Por que uma pessoa diferente incomoda tanto vocês? Vocês têm raiva do quê? Seria muito fácil se todo mundo fosse igual, mas acontece que esta é a boa notícia do dia: *não podemos fazer com que as pessoas sejam do jeito que queremos.*

Se não tem remédio, não precisamos adorar, mas temos o dever de aceitar.

A classe permanecia num silêncio absoluto, não de concentração, como das outras vezes, mas de arrependimento e vergonha:

— Meus alunos, hoje vocês me decepcionaram demais. Fico pensando no que serão quando crescerem, se não souberem respeitar os direitos e o espaço dos outros. Mas de nada adianta ficar aqui falando, falando, falando. Amanhã vou mostrar a vocês o que é ser diferente. Venham preparados, porque amanhã vocês vão descobrir que as diferenças existem e que, mesmo não gostando delas, precisamos aprender a aceitá-las. Amanhã — repetia ela com a mesma tristeza do momento em que soube de tudo. — Amanhã!

O meu lábio ficou superinchado, vermelho e roxo, uma coisa horrível. Na hora da saída, o Animal não me perturbou mais, como de costume. Talvez estivesse assustado com o que aconteceu, mas eu sabia que aquela paz não ia durar muito e por isso estava curioso para saber o que a professora Nancy iria inventar “amanhã”, como ela repetiu tantas vezes.

Não só eu, como a 4.^a B inteira saiu triste, mas curiosa para saber o que a professora Nancy prepararia para o dia seguinte.

— O que será que ela vai fazer? — perguntou Eli, ansiosa.

— Não sei, mas deve ser alguma coisa ligada a tudo o que aconteceu. Com certeza, algo muito legal, como sempre.

— Sei que doeu para você, mas foi bom tudo ter acontecido. Só assim a professora Nancy ficou sabendo o que eles faziam com a gente. Por que você não contou antes?

— Sei lá, por vergonha. E você, por que não contou sobre os apelidos que a Barbie colocava em você?

— Por vergonha, também.

Nós dois demos risada e aguardamos, assim como os outros, o dia seguinte.

No dia seguinte, a professora Nancy entrou na classe com um monte de coisas nas mãos. Um servente teve de ajudar a carregar uma cadeira de rodas enquanto ela amontoava os outros objetos no chão.



Todos olhavam para ela com curiosidade; foi quando chamou o Animal e mandou que ele colocasse os óculos escuros de papelão, com celofane preto no lugar das lentes, que ela mesma havia feito:

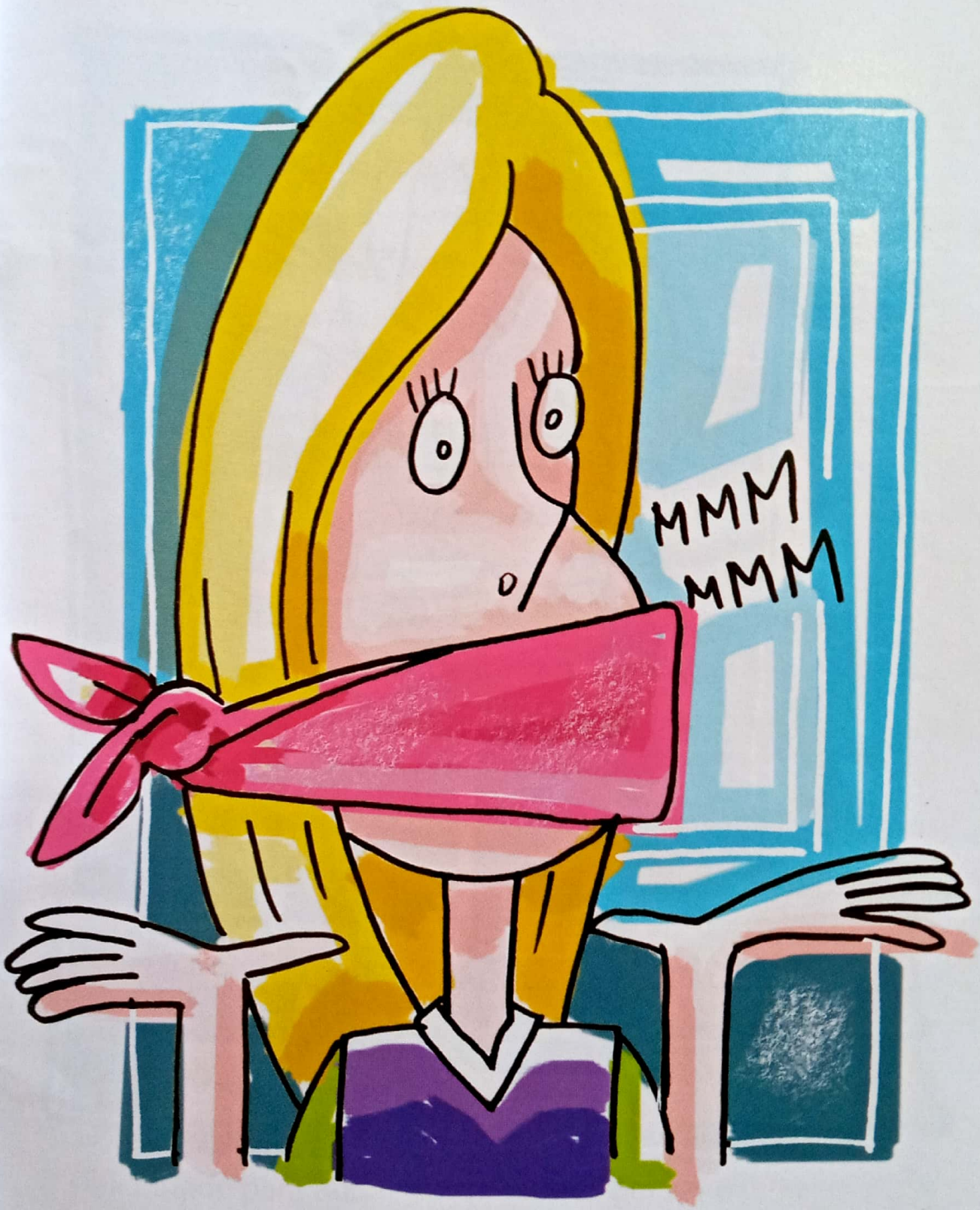
— Não estou enxergando nada! —
protestou o Animal.

Ela não respondeu, mandou que ele se sentasse sem tirar os óculos. Em seguida, ela me chamou e enrolou meu corpo com faixas como se eu fosse uma múmia do Egito.

— Não consigo mexer meus braços —
eu disse.

Logo depois, a professora Nancy chamou a Barbie e colocou um lenço na boca da garota, fazendo com que ela não pudesse falar, apenas murmurar. No caso dela até que foi bom, porque ficamos livres por algumas horas da sua voz irritante.

Na sequência, foi a vez de Eli. A professora Nancy pediu que ela se sentasse na cadeira de rodas, e assim precisaria da ajuda dos colegas para se locomover.





No Alê, ela colocou almofadas presas ao corpo e amarrou sacos de areia em seus pés, para que ele se sentisse bem pesado e gordo.

E ainda teve o Zé. A professora Nancy encheu o corpo dele de adesivos com as inscrições: "chute-me", "sou bobo", "sou nerd". Assim, cada aluno tinha a sua diferença, algo que dificultaria sua vida na escola.

Todo mundo logo entendeu e topou a brincadeira. Tivemos de assistir a todas as aulas daquele dia lidando com as nossas dificuldades.

Eli precisava ser empurrada para se locomover com a cadeira de rodas; Barbie tinha problemas para se comunicar; Animal, assim como eu, não enxergava quase nada por conta dos óculos ultraescuros criados pela professora Nancy. Acho que ele entendeu o que eu sentia. Zé teve de andar com aqueles adesivos cheios dos apelidos horríveis que ele sempre usou para zoar com todo mundo; o Alê quase não conseguia caminhar por causa de sua "obesidade": o peso das almofadas e do saco de areia; eu tive de me virar com a minha dificuldade para andar porque meus braços e pernas estavam enfaixados.

Aquela brincadeira da professora Nancy, que despertou a curiosidade do colégio inteiro, conseguiu mostrar a todo mundo o quanto é complicado ter dificuldades e ainda ser zoados pelos colegas.

Enquanto tentávamos caminhar pela escola, a professora Nancy ainda gritava de brincadeira com a gente, mostrando como era chato xingar as pessoas que são diferentes de nós.

Ao final daquela manhã, que ficou conhecida como “O Dia dos Diferentes”, todo mundo estava exausto. Tivemos de conviver com as dificuldades durante todas as aulas, cada um com um problema diferente, tendo de se virar.

Quando finalmente a professora Nancy permitiu que voltássemos a ser nós mesmos, sentimos um imenso alívio:

— E se fosse com vocês? — ela perguntou. — E se vocês fossem desse jeito todo o tempo?





Ninguém teve coragem de responder, e então ela continuou:

— Sabe o que aconteceria? Vocês aprenderiam a conviver com as diferenças e a respeitá-las. Atenção, crianças: *Não façam aos outros o que não gostariam que fizessem com vocês!*

A professora Nancy recuperou a sua alegria e ainda disse:

— Sabe o que vocês aprenderam hoje? Aprenderam a ser cidadãos. Ser cidadão é isso! Conviver com seus defeitos, diferenças e dificuldades e respeitar os dos outros. Tenho certeza de que, quando crescerem, vão continuar sendo pessoas muito legais. Vocês hoje são e sempre serão verdadeiros cidadãos!

Aquela foi mais uma das ideias muito loucas da professora Nancy. Ela é tão criativa que poderia mesmo ser atriz, romancista, escritora, mas preferiu ser professora e nos ensinar as coisas importantes da vida.



É claro que o Animal continua o valentão que lidera aquela panelinha, e a Barbie continua sendo a menina que se acha “a boa”. Milagres não acontecem, nem mesmo com toda a criatividade da professora Nancy. O Animal não morre de amores por mim, nem eu por ele. Mas pelo menos ele nunca mais pegou pesado comigo nem com ninguém. Faz as gracinhas dele, os comentários bobos de sempre, mas sem machucar os outros. Se ele gosta de falar besteira, tudo bem, desde que não prejudique ninguém.

A Barbie parou de zoar a Eli, dando o exemplo a todas as outras meninas, que também pararam. Elas não são superamigas, mas a Eli já faz parte de alguns grupos em que as outras também estão.

Com a brincadeira da professora Nancy, o colégio ficou mais atento a esse negócio de provocações. Eu errei feio, pisei na bola em não contar a ela nem aos meus pais, porque eu podia ter sofrido menos.

Quando meus pais souberam, ficaram impressionados com tudo o que passei calado, mas a verdade é que eu nunca devia ter ficado quieto. Nunca!

Estamos chegando ao final da 4.^a série, e sei que vamos sentir muita saudade da professora Nancy, de suas histórias e brincadeiras.

“O Dia dos Diferentes” vai ficar para sempre em nossa memória.

Enquanto o ano não acaba, vamos curtir mais um pouquinho e aprender tudo o que a professora tem para nos ensinar.

Ainda bem que ela escolheu ser professora!

De minha parte, continuo a todo o vapor em meu laboratório de ciências, tentando realizar tantas invenções quanto Thomas Edison, e, talvez algum dia, com ou sem óculos, eu ainda fique famoso pelas minhas invenções e possa dar a minha contribuição à humanidade.

FIM





A autora

Sandra Saruê, paulistana, nascida em 1968, é escritora e redatora publicitária. Escreve livros para adultos e crianças. Entre seus títulos infantis estão *Quero Ser Meu Irmãozinho* e *A Poltrona Vazia*, ambos publicados pela Melhoramentos.



O ilustrador

Marcelo Boffa é paulistano, tem 36 anos, é *designer* gráfico e ilustrador. Atualmente tem uma empresa de ilustração e *endomarketing*, onde trabalha também com criação de embalagens, personagens, caricaturas e ilustrações editoriais.

Tudo seria maravilhoso na 4.^a série B se não fosse a agressividade de alguns alunos. Pelos pátios do colégio e perto da cantina, Animal e sua turma agridem os colegas. Eles colocam apelidos horrorosos naqueles que são um pouco diferentes: os que usam óculos, os mais gordinhos ou mais magrinhos. Qualquer diferença é motivo de xingamento, gozação e ofensa. Mas a professora Nancy descobriu uma forma divertida e eficiente de acabar com esse tipo de atitude.

ISBN 978-85-06-05751-3



9 788506 057513